

## **O SURFE COMO PRÁTICA INCLUSIVA E DESENVOLVIMENTISTA: REPERCUSSÕES PERCEBIDAS EM PESSOAS COM TEA**

Letícia Baldasso Moraes<sup>1</sup>

Alcyane Marinho<sup>2</sup>

### **RESUMO**

As pessoas com TEA carregam memórias, conhecimentos e experiências em seus corpos, mas algumas não conseguem expressá-las sem algum tipo de auxílio ou mediação. Existem crianças verbais e não verbais, e dentre as não verbais, às vezes, o único tipo de linguagem que se consegue detectar é o corporal. Em alguns casos, pessoas com TEA tendem a apresentar déficits desenvolvimentistas que podem ser considerados barreiras em algumas práticas corporais. Para tanto, sugere-se a prática do surfe, visto sob uma perspectiva inclusiva e desenvolvimentista como uma forma de prática corporal para pessoas com TEA. Dentro desta perspectiva, o estudo em questão traz as percepções dos familiares e voluntários integrantes da Associação Onda Azul (AOA) sobre a participação das pessoas com TEA na AOA. Estes dados são um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada em Florianópolis e defendida no Programa de Pós-graduação em Educação Física da UFSC. Trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória com trabalho de campo e análise qualitativa dos dados. Para a coleta dos dados foram realizadas observações participantes, a elaboração de um diário de campo e entrevistas semiestruturadas com voluntários e familiares de alunos da AOA. Todos participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para a análise dos dados coletados foram utilizados elementos da análise de conteúdo, bem como a triangulação dos mesmos. Como resultado, foram percebidas melhoras nos alunos da AOA na autoestima, nas interações sociais, no equilíbrio, na concentração, na coordenação motora e nas técnicas necessárias para a prática do surfe. Tais achados demonstram que o surfe desenvolve aspectos cognitivos, motores e sociais, exaltando sua potencialidade como uma terapia não convencional para esta parcela da sociedade. Também pode-se observar que as repercussões encontradas transcendem o ambiente da praia e os dias da aula e adentram na rotina das famílias.

**Palavras-chave:** TEA, Surfe, Práticas corporais.

### **INTRODUÇÃO**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado como um transtorno do neurodesenvolvimento que pode causar prejuízos na comunicação e na interação social, padrão de comportamentos, atividades e interesses restritos e repetitivos (Associação Americana De Psiquiatria, 2014). A expressão “pessoa com TEA” será utilizada neste artigo baseando-se na expressão “pessoa com deficiência”, defendida pelas próprias pessoas com deficiência em todas as suas manifestações orais ou escritas. A expressão está na Convenção sobre os Direitos das

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Curso de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC, leticia.baldasso@outlook.com

<sup>2</sup> Professora orientadora do mestrado: Pós doutora em Educação Física, Centro de Ciências da Saúde e do Esporte – UDESC. alcyane.marinho@hotmail.com

Pessoas com Deficiência, adotado pela ONU em 13/12/2006, ratificado, com equivalência de emenda constitucional, por meio do Decreto Legislativo n. 186, de 09/07/2008, do Congresso Nacional, sendo promulgado através do Decreto n. 6.949, de 25/08/2009 (Sasaki, 2013).

Como o TEA envolve o comprometimento no neurodesenvolvimento da pessoa, ele influencia em déficits no cérebro, podendo prejudicar o desenvolvimento de aspectos como a aprendizagem, a fala e a aquisição de gestos motores. Isso pode repercutir no aspecto motor do desenvolvimento - entendido conceitualmente como comportamento motor, abrangendo uma área de conhecimentos sobre o desenvolvimento, a aprendizagem e o controle motor humano (Tani, 2008). De acordo com Becker e Stoodley (2013), 80% das crianças com TEA possuem déficits na coordenação motora e correlacionam positivamente tal fato com a gravidade do autismo e, negativamente, ao quociente de inteligência.

Um estudo realizado com diferentes instrumentos de avaliação disponíveis na literatura, encontrou resultados similares, concluindo haver o comprometimento no comportamento motor das pessoas com TEA (Soares; Cavalcante, 2015). Nesta perspectiva, torna-se essencial o acesso a práticas corporais para as pessoas com TEA como maneira de aprimorar o seu desenvolvimento, aprendizagem e controle motor humano.

A expressão prática corporal é utilizada para designar uma dimensão completa do ser humano em movimento, abrangendo um universo simbólico, no qual a cultura corporal, a gestualidade e os diferentes modos de se expressar corporalmente são contemplados (Nascimento et al., 2016). Na dimensão das práticas corporais, as atividades de aventura na natureza tornam-se uma possibilidade. Conforme Marinho (2004), as atividades de aventura na natureza são uma forma de interação das pessoas com o ambiente que as cerca, possibilitando uma gama de práticas corporais na terra, ar ou água, permitindo uma fluidez entre os praticantes e o ambiente. Dentre esta gama de práticas, este estudo irá explorar o ambiente do mar, da praia: o surfe.

O surfe será entendido como uma prática corporal inclusiva com viés desenvolvimentista, por oferecer uma condição de equidade, possibilitando a participação de pessoas, com deficiência, ou não, de maneira que todos possam participar e desfrutar desta prática, com vistas ao desenvolvimento físico, social e psicológico, levando em consideração limites e potencialidades individuais (MORAES, 2017).

O interesse da pesquisadora principal do estudo em tal perspectiva iniciou-se no ano de 2016, quando foi convidada a tornar-se a responsável pela parte metodológica da educação física em um projeto de surfe para pessoas com TEA em Imbituba (SC) e em Florianópolis (SC). A pesquisadora principal é integrante da equipe técnica, estando envolvida com as ações

do projeto, sentindo-se motivada e inspirada para produzir conhecimentos científicos acerca das repercussões do surfe em pessoas com TEA. Cabe ressaltar que, no momento da escrita da dissertação, a qual originou o recorte para este trabalho, a pesquisadora tentou se distanciar como integrante da Associação Onda Azul (AOA), promotora do projeto, para tentar internalizar o papel mais imparcial possível de pesquisadora.

Desta forma, este estudo tem como objetivo apresentar as percepções dos familiares e voluntários integrantes da AOA sobre as repercussões percebidas na participação das pessoas com TEA no projeto de surfe promovido por esta associação.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Os dados apresentados neste artigo são um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada em Florianópolis e defendida no Programa de Pós-graduação em Educação Física da UFSC (Moraes, 2017). Tratou-se de um estudo de campo, configurando-se como descritivo-exploratório com análise qualitativa dos dados.

A abordagem qualitativa explorou o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A pesquisa qualitativa explora os sentidos, as sensações causadas e as subjetividades, muitas vezes, negligenciadas. Com isso, torna-se interessante a sua abordagem visto a subjetividade que permeia as pessoas com TEA.

### Contexto Investigado

O contexto desta investigação foi a AOA que teve origem na cidade de Florianópolis (SC) no ano de 2015 e, conforme as criadoras do projeto, traduz-se em um desejo de ir além do convencional no desenvolvimento de pessoas com TEA. Em novembro de 2016 o projeto autorizou a sua replicabilidade por todo o território nacional (seguindo a metodologia sugerida em projeto) e atualmente acontece em Imbituba (SC), São Sebastião (SP) e Maceió (AL). O contexto abordado neste artigo é o projeto que ocorre na cidade de Florianópolis.

A Associação conta com uma equipe diretiva de 15 pessoas e uma equipe de voluntários com aproximadamente 20 pessoas. A equipe diretiva é responsável por organizar e planejar os dias de aulas, comprar e armazenar os materiais utilizados, planejar eventos e seminários, bem como todas as funções necessárias para o andamento de uma Associação sem fins lucrativos. A equipe dos voluntários é composta por pessoas responsáveis por planejar e ministrar as aulas de surfe propriamente ditas na praia.

Para o aluno participar das aulas, é necessário um diagnóstico clínico que confirme o TEA e a assinatura dos familiares de um termo de consentimento para a participação no projeto, assim como a autorização do uso de imagens.

#### Participantes da pesquisa

Participaram da pesquisa os voluntários do projeto (alguns também fazem parte da equipe diretiva), os familiares das pessoas com TEA, e as pessoas com TEA participantes da AOA. Para responder às entrevistas, os voluntários deviam ter comparecido a, no mínimo, cinco aulas durante os meses em que o projeto ocorreu, assim como os familiares deveriam ter comparecido a, no mínimo, três aulas.

As pessoas com TEA foram incluídas como participantes da pesquisa por meio das observações participantes, nas quais o olhar da pesquisadora focou nas formas de participação dos alunos. Portanto, os alunos foram observados e não responderam ao roteiro das entrevistas. Para a pessoa com TEA fazer parte da pesquisa era necessário estar inscrita no projeto e os familiares assinarem um termo de consentimento permitindo a participação e a divulgação das fotos e dos vídeos realizados nas aulas de surfe. Na época da pesquisa, havia 18 alunos inscritos. Atualmente, existem mais de 25 alunos inscritos.

#### Instrumentos de Coleta de Dados

Para a coleta de dados, foi criada uma matriz analítica de observação participante (Marconi; Lakatos, 2003) através da participação ativa da pesquisadora nas aulas ministradas, nas quais foi possível interagir com os alunos, familiares e voluntários. Essa matriz proporcionou um entendimento mais claro acerca de indicadores como: interação dos alunos com os voluntários; interação dos alunos entre si, atendimento dos alunos aos comandos dos voluntários; e percepções de satisfação na participação demonstrada pelos alunos nas aulas. Tais indicadores foram analisados nas formas de comunicação dos alunos, brincadeiras, participações nas atividades propostas, ações dos alunos nos momentos em que não havia atividades preestabelecidas, manifestações de sentimentos, segurança que aparentavam ter no ambiente da praia, e nas interações espontâneas.

Ainda como forma de coleta de dados para auxiliar nas observações participantes, foram utilizados um diário de campo e um gravador para o registro das observações da pesquisadora.

Além da matriz de observação, também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com roteiros previamente estabelecidos, criados especificamente para o aprofundamento do

estudo com os familiares e voluntários. As entrevistas foram organizadas de acordo com duas matrizes analíticas de forma a facilitar o diálogo com os entrevistados.

#### Procedimento de Coleta de Dados

As observações ocorreram durante os meses de janeiro a abril de 2017, totalizando nove aulas observadas. A média de alunos variou entre cinco e quinze alunos. No final de cada aula, a pesquisadora gravava as observações, para posteriormente transcrevê-las.

Por sua vez, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas em horários diferenciados das aulas e a maioria delas ocorreu na casa dos entrevistados ou em seus ambientes de trabalho. Os entrevistados possuíam liberdade para escolher o local e o dia que fossem mais propícios para eles participarem da pesquisa. Todas as entrevistas foram previamente agendadas e os entrevistados assinaram um termo de consentimento para a divulgação dos dados. Para a preservação de suas identidades, a fim de que eles pudessem se sentir confortáveis para expressar o que realmente sentiam, eles puderam escolher nomes fictícios para serem utilizados no estudo. Destaca-se que o projeto que originou este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina sob número: 1.814.571 de 2017.

#### Análise da Coleta de Dados

A análise dos dados foi feita a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) e com a técnica de triangulação dos dados obtidos (observações, entrevistas e diário de campo), de acordo com o proposto por Triviños (1987). A análise de conteúdo proporciona a análise de significados e significantes por meio de um conjunto de análise das comunicações, utilizando procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens.

A triangulação dos dados permite uma amplitude máxima na descrição, explicação e compreensão do fenômeno estudado, partindo do pressuposto de que as informações e os dados coletados de fontes podem ser confrontados entre si.

Conforme a análise das entrevistas, foram criadas categorias *a posteriori* referentes aos resultados esperados, atingidos e mudanças observadas pelos voluntários; a percepção dos familiares sobre as repercussões e mudanças percebidas nas pessoas com TEA e os significados atribuídos ao projeto pelos familiares.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A AOA não tem a intenção de formar surfistas profissionais, e sim, proporcionar momentos de lazer para as pessoas com TEA e seus familiares. Isso pode ser observado tanto nas falas dos professores de surfe, quanto nos voluntários e nos familiares. Pode ser sentido em todos os momentos antes, durante e após as aulas, onde ocorrem interações espontâneas, brincadeiras e afetividade.

Contrariando o caminho de formar atletas em um país no qual o esporte é visto majoritariamente como de rendimento, e que é cheio de obstáculos, testes, provações, provas, metas, Santin (2001) propõe o conceito de rendimento vital. Este tem por objetivo fortalecer e aperfeiçoar as funções orgânicas, buscando níveis melhores de vida, preservando o equilíbrio e a harmonia do dinamismo vital. Os resultados obtidos pelo rendimento vital são internos, referindo-se ao próprio viver, ao cultivo e ao culto da vida, tornando-se um promotor de qualidade de vida para o ser humano.

Pode-se analisar que os objetivos das aulas de surfe não são a busca pelos resultados, ou o fomento pela competição, e sim, pelo rendimento vital dos indivíduos e pela ludicidade que ele proporciona. Tal situação pode ser escutada na fala dos voluntários e dos familiares. Um dos voluntários disse em uma aula que o melhor surfista não é aquele que pegou mais ondas, e sim aquele que saiu mais feliz de dentro do mar.

A pesquisadora pode identificar nos alunos a alegria de estar ali, de estar no ambiente da praia, de sentir a areia, o vento, a água do mar, o toque da prancha, o toque dos outros. Sem o intuito de romantizar a experiência, mas pode-se sentir a alegria quase latente nas manhãs de aula, tanto nos alunos, quanto nos voluntários e familiares. Isso pode ser corroborado por escritos de Santin (2001) acerca da alegria, da brincadeira e da ludicidade:

A vivência do ato de brincar se traduz em alegria. Quem brinca sente-se possuído pela alegria de estar fazendo o que faz. (...) Se queremos saber o que é alegria, precisamos prestar atenção ao sentimento, àquilo que acontece em nós quando sentimos alegria. Ou então, basta olhar para alguém alegre; aí saberemos o que é alegria. A alegria se sente, se vive, se experimenta (Santin, 2001, p. 27).

Alguns alunos não são verbais, e ao invés de se comunicar por meio da fala, eles se comunicam com o corpo, com os gestos, com as brincadeiras. Isso corrobora com a ideia do corpo lúdico, pois o corpo é quem brinca, quem explora, quem vivencia e quem é a encarnação da ludicidade. É ele quem vibra, ama, sente e vive. A relação dos corpos dos elementos (ar,

água, tempo, espaço) deve ser de união, de integração, sentindo-os, integrando-os ao corpo lúdico, aproveitando os benefícios da união destes corpos (Santin, 2001). Com isso, pode-se dizer que os alunos se comunicam por meio de seus corpos com outros corpos de elementos diversos, incluindo o meio ambiente ao seu redor.

A água é um fator importante na evolução dos alunos, visto que alguns nas suas primeiras aulas nem colocavam o pé no mar, ficando na areia. Com o tempo, eles vão perdendo seus medos e se acostumando à ideia de entrar no mar, pular umas ondas, molhar o seu corpo. Segundo Yilmaz et al. (2004, 2005), as pessoas com TEA possuem um interesse positivo pela água e atividades realizadas neste ambiente são efetivas para o desenvolvimento físico e a melhora nas habilidades aquáticas deste público. Também foi observada a ludicidade dos alunos neste ambiente, concluindo que eles se desenvolvem e se divertem em ambientes aquáticos.

Conforme os voluntários, além das melhoras nas interações sociais, pode-se constatar que os alunos iam sentindo-se mais confiantes e seguros no decorrer das aulas, resultando em um maior relaxamento e liberdade durante o projeto. Cabe contextualizar que as aulas da AOA são pensadas a partir de uma metodologia específica para pessoas com TEA. Tais adequações metodológicas foram explicitadas e aprofundadas em estudo (Moraes, Marinho, 2022) no qual foi sugerida uma proposta pedagógica relacionada ao planejamento, conteúdo, adaptações, comunicação e avaliação das aulas de surfe.

O pai de um dos alunos contou para a pesquisadora que a concentração e o equilíbrio de seu filho haviam melhorado significativamente e que a professora da escola veio parabenizar os pais pela evolução. Ele disse que tal evolução foi decorrente das aulas de surfe e que o seu filho agora tinha coragem para andar de skate sem precisar do auxílio de ninguém. A pesquisadora pode observar o desenvolvimento físico de tal aluno, notando que inicialmente ele apenas entrava no mar com um de seus pais e ao começar a deslizar uma onda, ele se jogava para fora da prancha. Com o passar das aulas, ele começou a entrar no mar apenas com o auxílio dos voluntários e depois de algumas aulas, ele conseguia ficar em pé sem auxílio, deslizando até a beira da areia em cima da prancha. Os seus pais ficaram visivelmente emocionados, assim como as pessoas que estavam acompanhando a sua evolução.

A participação dos alunos no projeto da AOA também influencia na autoestima dos alunos, conforme pode ser observado nas falas dos familiares durante as aulas e na postura assumida pelos alunos. Uma das mães relatou para a pesquisadora que o seu filho se considerava um surfista agora, e só queria vestir roupas de surfista, falar sobre surfe e surfar. Isso reverberou

na sua interação com os colegas na escola, pois ele contava sobre as aulas de surfe que ele praticava.

Em uma revisão integrativa sobre as práticas corporais aquáticas e o TEA (Mazzocante, Da Silva e Da Silva, 2021) foi possível demonstrar repercussões observadas como: o declínio da evitação do contato visual com o aumento do engajamento com as atividades aquáticas; a ampliação do repertório e controle motores e das capacidades manipulativas; maior autonomia aquática; melhor orientação espacial no meio líquido; incremento das capacidades propulsiva e de flutuação; melhor controle respiratório com alargamento do tempo submerso intencional; aumento da aptidão física relacionada à saúde; e alta significativa no equilíbrio aquamotor. Tais achados mostram a importância das pessoas com TEA vivenciarem os ambientes aquáticos.

Observando os alunos, pode-se constatar a evolução de pertencimento deles ao ambiente da praia, sentindo-se mais confiantes e seguros nas suas interações, modos de se movimentar e, às vezes, notou-se que eles estavam melhorando a identidade corporal deles mesmos. Conforme Neves (2015), o movimento pode promover o desenvolvimento positivo da identidade corporal. O conceito de imagem corporal é entendido como um processo que se desconstrói e reconstrói-se, possibilitando ao sujeito ressignificar elementos de sua vida, englobando-os em sua identidade. As práticas corporais e as experiências corporais são utilizadas como fontes de compensação longitudinal na imagem corporal.

Pode-se perceber que, para além da repercussão nos alunos, a AOA influencia nos familiares. Isso pode ser pelo fato de eles sentirem-se pertencentes a um grupo no qual as pessoas que fazem parte compreendem as questões específicas relacionadas ao TEA. Em alguns relatos dos familiares, pode-se reparar que eles se sentem acolhidos, e que, em alguns casos, as famílias haviam deixado de ir para o ambiente da praia por sentirem-se julgados e expostos a pessoas que poderiam julgá-los.

O projeto possibilitou momentos lúdicos aos alunos e familiares, reverberando na mesma sensação para os voluntários. O projeto proporcionou interações sociais, tornando-se um ponto de apoio para a criação e o fortalecimento de laços estabelecidos entre familiares de pessoas com TEA, tornando-se um importante veículo de informação e trocas de conhecimentos, angústias e anseios, bem como uma rede de apoio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



O surfe foi entendido neste estudo como uma prática corporal inclusiva e desenvolvimentista, dentro da gama de vivências das atividades de aventura na natureza. Esta definição corroborou com os dados encontrados no estudo que mostraram benefícios na autoestima, nas interações sociais, no equilíbrio, na concentração, na coordenação motora e nas habilidades necessárias para a prática do surfe. Com isso, pode-se concluir que o surfe pode ser uma maneira de desenvolver aspectos motores, cognitivos e sociais de pessoas com TEA, podendo ser uma possibilidade de uma terapia não convencional para esta parcela da sociedade.

As repercussões da AOA transcendem o ambiente da praia e os dias da aula. Pode-se perceber que proporcionou interações sociais, tornando-se um ponto de apoio para a criação e o fortalecimento de laços estabelecidos entre os envolvidos, tornando-se um importante veículo de informação e trocas de conhecimentos. Isso reverbera tanto para as pessoas com TEA, como para os seus familiares.

A conscientização de pertencimento à sociedade torna-se elemento vital para a formação da criticidade nas pessoas com TEA. Tal conscientização pode advir por meio das atividades de aventura na natureza, possibilitando vivências coletivas de emoções e sensações, tendo o lúdico como efeito e consequência da sociabilidade vivida, representando práticas fundadoras da vida social. Essas repercussões advindas das atividades de aventura na natureza são encontradas no surfe, tornando-se uma forma de inserção da pessoa com TEA na sociedade, interagindo e desenvolvendo seu senso de pertencimento, assim como a sua criticidade acerca da sociedade que a rodeia.

Este artigo buscou explorar as repercussões do surfe na vida das pessoas com TEA e acabou encontrando também repercussões na vida dos familiares. Longe de trazer respostas definitivas, tentou-se visibilizar mais uma forma de possibilidade de desenvolvimento para as pessoas com TEA.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. Manual diagnóstico e estatístico de transtorno, DSM 5. Ed 5. Porto Alegre: **Artmed**, 2014.
- BARDIN, L. Análise de Conteúdo. São Paulo: **Edições 70**, 2011.
- BECKER, E. B; STOODLEY C. J. Autism spectrum disorder and the cerebellum. **Int Rev Neurobiol**, V. 113, P. 1-34, 2013.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos da metodologia científica. 5 ed. São Paulo: **Editora Atlas**, 2003.

MARINHO, A. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. **Motrivivência**, ano XVI, n. 22, P. 47-69, 2004.

MAZZOCCANTE, R.; DA SILVA, R. A. S.; DA SILVA, R. A. S. Práticas corporais aquáticas para crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa. **Práticas corporais, saúde e ambientes de prática: fatos, ações e reações**. V. 1, capítulo 2, p. 24-34. 2021.

MORAES, L. B.; MARINHO, A. Adequações didático-metodológicas na prática do surfe para pessoas com transtorno do espectro autista. **Movimento**, V. 27, P. e27067, 2022.

MORAES, L. B.. **Estudo sobre um projeto social de surfe para pessoas com transtorno do espectro autista**. 136 f. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

NASCIMENTO, P. M. M.; DE OLIVEIRA, M. R. R. Perspectivas e possibilidades para a renovação da formação profissional em educação física no campo da saúde. **Pensar a Prática**, V. 19, n. 1, p. 209- 219, 2016.

NEVES, A. N.; HIRATA, K. M.; TAVARES, M. C. G. C. Imagem corporal, trauma e resiliência: reflexões sobre o papel do professor de Educação Física. **Psicologia Escolar e Educacional**, n 19. V 1, P. 97-104, 2015.

SANTIN, S. Educação física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. 3 ed, Porto Alegre: **Edições EST/ESEF-UFRGS**, 2001.

SASSAKI, R. K. Como chamar as pessoas que têm deficiência? **Revista da Sociedade Brasileira de Ostomizados**, V. 1, P.8-11, 2013.

SOARES, A. M.; CAVALCANTE NETO, J. L. Avaliação do Comportamento Motor em Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: uma Revisão Sistemática. **Revista Brasileira de Educação Especial**, V. 21, P. 445-458, 2015.

TANI, G. Abordagem desenvolvimentista: 20 anos depois. **Revista da Educação Física/UEM**, V.19, P.313-331, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. Pesquisa qualitativa. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: **Atlas**, P. 116-173, 1987.

YILMAZ, I.; YANARDAG, M.; BIRKAN, B.; BUMIN, G. Effects of swimming training on physical fitness and water orientation in autism. **Pediatrics International**, V. 46, P. 624-626, 2004.

YILMAZ, I.; BIRKAN, B. Using a constant time delay procedure to teach aquatic play skills to children with autism. **Education and Training in Developmental Disabilities**, P. 171-182, 2005.